

1

Introdução

Em um breve momento de informalidade com João Gilberto Noll, pude dizer-lhe, finalmente, o que achava de sua obra e de como meu encontro com ela havia me afetado. Conteí minha experiência, tentando não me preocupar com a presença incontestante do autor, e tratando de desenhar, da melhor forma possível, o impacto nada sutil de seus livros. Comentei que havia lido todos eles, sem me importar muito com a ordem cronológica, em um período de minhas últimas férias. E fui descrevendo, um pouco desordenadamente, algumas de minhas sensações. Seus olhinhos piscavam, entre o atento e o distraído, olhando-me com uma dedicação que não imaginava poder conseguir. Pareceu-me realmente interessado no que lhe dizia. E lembro-me bem do fim da minha fala, quando lhe disse que não recomendaria isso para ninguém, que levei umas duas semanas para me recuperar daquela leitura em seqüência, que o desgaste emocional tornou-se físico, que, no fim, eu me senti tão fragmentado quanto cada um de seus protagonistas, sem saber como voltar; e na verdade, não sei se voltei, e se o fiz, não foi mais tal como eu era antes. Ele me olhou por alguns segundos, piscou duas, três vezes, e disse: – É, eu entendo.

Pergunto-me, até agora, o que aconteceu nessa leitura. Ele entende, mas eu ainda persigo uma resposta. No entanto, foi esse desconforto que moveu a necessidade de escrever algo sobre a sua obra, procurando descobrir um pouco, mover um bocadinho do véu que impede que compreendamos plenamente o que se passa em suas páginas. A obra de Noll não se encontra em um lugar à parte da literatura brasileira contemporânea. Há muito já pode ser vista como um ponto reconhecido de referência na literatura produzida no Brasil, desde a década de 1980.

Instigado pelas lacunas que se abriam nas leituras de sua ficção, procurei então, tal como suas personagens, deambular pelo desconfortável universo criado pelo autor, na esperança de encontrar alguma fonte afirmativa por trás de uma forte desesperança, quase niilista, que parecia mover a sucessão de desencontros e desconfortos que definiam os (des)caminhos dos protagonistas. Incomodava-me a atenção dada na crítica à sua obra ao caráter estilhaçado, algo desesperado, que o

retinha no campo da representação como um duplo do sentido fragmentário que possui o sujeito na contemporaneidade. Não acreditava que pudesse se resumir a isso. E foi essa desconfiança, em meio a impressões e questões puramente pessoais que eclodiram na leitura, que alimentou a busca por algum tipo de afirmação na obra de Noll, afirmação que fosse capaz de preencher um desejo de escrita movido por algo mais que apenas evidenciar, como um lamento, a perdição e a inapetência para a realidade do homem contemporâneo.

O encontro de entrevistas nas quais o autor compartilha suas idéias a respeito da literatura, da escrita, e de seus produtos literários foi fundamental para organizar uma noção geral de como vem sendo arquitetado o seu projeto estético, além de podermos observar o conjunto de crenças que sustentam, na figura do escritor, a força desse projeto. Não que, com isso, haja o desejo de ressaltar o lugar do escritor como um suporte explicativo do resultado estético, o qual deve falar por si mesmo. No entanto, há, sim, o desejo de desvendar a natureza do combustível que move essa pequena engrenagem na grande máquina literária, ou seja, entender o que move essa escrita, ou o que se pretende com ela. Desejo grandioso, não há como negar, mas que é possível sondar com alguma cautela. Maior ainda pela impossibilidade de chegar a um denominador comum, a um ponto central de onde possamos extrair toda a verdade produzida numa obra artística. Mas, em meio à busca de um conhecimento utópico, consideramos a possibilidade de levantar boas suspeitas.

Foi assim, partindo da fala do próprio Noll, que se voltou aos seus escritos, contando então com uma visão geral do sentido de sua produção e podendo empreender uma pesquisa sem desconsiderar objetivos e prerrogativas do próprio autor, somada a outras leituras de sua obra. No reencontro com seus romances, e tendo ainda em vista a preocupação com a representação do sujeito em sua obra, alguns lugares de articulação foram se consolidando como campos obrigatórios por onde deveríamos percorrer na intenção de perscrutar a legitimidade das personagens de seus romances enquanto duplos do sujeito contemporâneo e ordenar uma lógica de leitura. São esses lugares: a emergência da memória, a reinvenção de si mesmo e os usos do corpo, sendo os dois primeiros intensamente interligados, estando um condicionalmente atado ao outro. E, dessa forma, definiu-se, pela própria natureza da pesquisa, a preponderância da personagem, e

mais especificamente do protagonista (também narrador na maior parte dos escritos de Noll), sendo este o objeto primeiro de observação nas narrativas.

O funcionamento da memória permite ao leitor compreender de que forma o passado das personagens está ligado ao presente, ou seja, como o não-narrado, mas eventualmente evocado, interfere no andamento da estória, no narrado. Essa emergência da memória, sempre discreta nos livros de Noll, configura-se como um movimento que abre as brechas necessárias para que possamos investigar os porquês do protagonista, os motivos que podem acionar os movimentos das narrativas e das ações das personagens. Dessa forma, explorando o funcionamento da memória, construímos um delicado fio de contato que demonstra como a pouco aparente memória está sempre fortemente ligada à condução da narrativa.

A relevância da memória está associada à reinvenção de si mesmo, empreendida pelos protagonistas. Essa reinvenção trata da transformação pela qual passam os protagonistas na tentativa de deixar para trás certos aspectos que o definem, que determinam seu lugar no mundo cotidiano. Essa reinvenção é o próprio abandono de si, tal como é, na busca de um outro eu possível, talvez mais condizente com uma individualidade humana massacrada, como nos sugere Noll, pela ordem imposta do funcionamento da sociedade, onde as particularidades do homem sujeitam-se à abjeção de anularem-se pela necessidade de ocuparem um espaço definido, organizado. Assim, memória e reinvenção estão fortemente ligadas, fazendo do esquecimento um meio de reconstrução do sujeito, permitindo a transformação do homem.

Já os usos do corpo, que também se associa nesse conjunto, aparece um pouco mais deslocado. Pois é através do corpo, de suas ações e, principalmente, de sua presença, que podemos identificar como ele é fundamental nessa transformação do sujeito. O corpo é eleito como um campo privilegiado de experiência, e em suas sensações e reações é que podemos observar o andamento dessa transformação em processo. Ele vira um lugar de transgressão possível, ainda não totalmente transfigurado, treinado pelo organismo social. Longe do corpo militar, atlético, o elogio é do corpo em sua animalidade, em seu potencial de resistência sempre renovado. E, mais ainda, vira o corpo um lócus de pensamento, um meio de evadir da racionalidade acachapante que percorre e aprisiona o homem em uma subjetividade normalizada pelos usos e costumes que o recortam e o seccionam. Na escrita de Noll, ela mesma orgânica, sensorial,

agencia-se essa possibilidade de usar os limites do corpo (físico ou escrito) para experimentar o não-vivido, para chegar ao outro, e desdobrar-se a si mesmo em uma possibilidade outra, ainda não prevista, ainda não domesticada.

Assim, reinvenção, memória e corpo se unem como um só conjunto articulado onde podemos empreender uma investigação sobre as personagens da obra de Noll, e do lugar que preenchem como representação do sujeito contemporâneo. Isso, tendo em vista, que se procura entendê-los além da pura deserção do funcionamento da realidade, buscando um modo de entendê-los em sua positividade, ou melhor, como um projeto afirmativo e não como simples niilismo.

Assim, para empreender a nossa leitura da obra de Noll, foram escolhidos apenas dois romances, que observamos no primeiro capítulo, *Hotel Atlântico* e *Berkeley em Bellagio*. Nesse capítulo, investigamos essas obras, em breve cruzamento com outras que possuam características consideráveis para um maior esclarecimento da obra do autor, observando justamente os tópicos que desenvolvemos acima. Não sem antes falarmos um pouco sobre a sua obra, ou melhor, sobre as intenções de sua obra, referindo-nos à fala do próprio autor.

No segundo capítulo, apuramos o que foi evidenciado no primeiro, procurando articular com outras leituras bastante relevantes para a interpretação de sua obra, e buscando dar um sentido a esses protagonistas das obras do autor que, como ele mesmo diz, são sempre o mesmo. Para isso, usamos *Lorde*, seu último romance, e ápice de seu projeto estético. Esse sentido será encontrado na formação de uma nova noção de sujeito, o qual somente existe na abertura para o externo a si mesmo, na afirmação do corpo e no encontro com o outro; ou seja, no confronto com a alteridade.

Continuo sem entender muito bem o que se passou naquela minha leitura de férias, naquele meu primeiro contato com toda a sua obra, quando então pude experimentar um desconforto muito vivo, muito *vivível*, talvez. Um desconforto que até ali, não poderia desconfiar, também era meu. Mas, e o distanciamento? Estaria tão próximo assim daquela sensação, daquele mal-estar, que não poderia me desvencilhar sem comprometer a seriedade da pesquisa? Foi um risco que precisei correr. Contudo, jamais achei que o mal-estar fosse somente meu também. Pelo contrário, percorre nosso momento histórico com grandes repercussões. É o mal-estar do sujeito tal como ele é, e que já não pode ser mais.

É um mal-estar que nos move, e para o qual devemos atentar, na esperança de superá-lo, de encontrar uma saída. E na literatura de Noll talvez haja o desenho de um caminho possível.